

LUIS SOUTA*

A ESCOLA DA DOR E DO SOFRIMENTO segundo cinco escritores do Distrito

«a dor dum rapazinho fechado num colégio, roubado aos seus»

Amigos Sinceros, João Gaspar Simões.

A presente comunicação vem na sequência de duas investigações mais amplas em que foram analisadas obras de 100 escritores portugueses, *A Escola através da Literatura: Uma Análise Antropo-Educativa* (2002), e as entrevistas que realizámos a 14 deles, *A Voz da Escrita: a escola na palavra dos escritores* (2003).

Agora, nesta conferência, concentrámo-nos em cinco escritores ligados ao Distrito de Setúbal, pelo nascimento: Manuel da Fonseca (1911-1993), Romeu Correia (1917-1996), Sebastião da Gama (1924-1952), Maria Rosa Colaço (1935-2004); e um outro, apesar de ter nascido, acidentalmente, em Lisboa, e de se considerar um «alentejano por afeição», viveu e trabalhou em Setúbal legando-nos, entre outros bens culturais, o Festroia: Mário Ventura (1936-2006).

Estes cinco autores têm diversas obras suas com referências explícitas, mais ou menos longas, sobre episódios que descrevem situações de aprendizagem escolar em contextos formais. Constituí então um *corpus* de 14 livros (cf lista bibliográfica no final deste texto) e, para esta conferência, seleccionei apenas um de cada autor: uma colectânea, um diário, um livro de contos e dois romances, publicados entre 1942 e 2001.

1. Mário VENTURA

Nasceu na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. Jornalista, presidente da Associação Portuguesa de Escritores. Viveu os últimos anos na cidade de Setúbal tendo sido o fundador do Festival Internacional de Cinema de Tróia¹.

* Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

¹ Seria mais do que justo a atribuição do seu nome ao Cinema Charlot, em Setúbal.

Corpus

«Não se arrependera. Ocioso, tendo apenas por passatempo a leitura dos livros que trouxera consigo, convencera o padre Firmino a deixá-lo instalar uma sala de aula nas traseiras da igreja. E era esta a razão de São Lourenço ser a única aldeia, em toda a região, onde havia jovens que sabiam ler e escrever.

A tarefa enfrentara obstáculos. Primeiro, não fora fácil convencer os pais a deixarem as crianças ir à escola, sobretudo quando já estavam em idade de ajudar nos trabalhos de casa ou do campo. E se os pais não sabiam ler e escrever, porque havia de acontecer o contrário com os filhos? Depois, os habitantes da aldeia não queriam que as crianças se misturassem com os filhos dos trabalhadores agrícolas, por via de regra, segundo o consenso comum, pessoas em quem não se podia confiar. A selecção acabou por se fazer naturalmente, pois no campo raro era aquele que estaria disposto a dispensar os filhos para irem à escola, quase sempre com o argumento de que saber ler e escrever não ajudava ninguém a ganhar a vida. Agora, Januário Gonçalves tem nove alunos, e o número só se altera quando alguém de vistas largas vem pedir ao padre Firmino – o que acontece apenas de quando em vez – que interceda para o professor lhe aceitar o filho na escola.» (*O Segredo de Miguel Zuzarte*, pp. 69-70)

2. Maria Rosa COLAÇO

Nascida no Torrão (Alcácer do Sal). Professora do ensino primário, na velha escola de Cacilhas, na Rua Cândido dos Reis, e também em Moçambique, nos 18 anos que por lá esteve. Foi-lhe atribuída a medalha de ouro para a cultura da Câmara Municipal de Almada. No Feijó, há uma escola com o seu nome.

Corpus

«Numa mão levava o diploma, na outra o medo. O resto, era a história antiga da minha solidão e da minha esperança...

A escola que me deram, não era um desses poéticos lugares, brancos e cheios de flores com que sonhamos no fim do curso: era um velho primeiro andar, de uma rua suja de sal, pregões e humidade. Os rapazes que me deram, também não tinham nada de comum com esses meninos de bata branca, normais nos primeiros dias de aula e que as mãezinhas nos entregam como se fossem porcelana.» (*A Criança e a Vida*, s/p)

3. Romeu CORREIA

Nasceu em Cacilhas e faleceu em Almada. Bancário de profissão. Teve uma intensa vida associativa na “Outra Margem” (criou a Biblioteca Popular da Academia Almadense e reanimou a da Incrível Almadense). Em Almada, foi dado o seu nome ao *Forum Municipal*.

Corpus

«A escola da dona Assunção ficava num primeiro andar, por cima do posto de enfermagem dos Bombeiros Voluntários de Cacilhas. [...]

– Este é que é o seu filho, senhor Rogério?

– Aqui o tem: é uma bela prenda! – E o bruto do meu pai fez ainda esta recomendação: – Eduque-o, minha senhora, faça dele um Homem! O rapazinho tem vivido à rédea solta, lá no cais! Não faça cerimónias, arree para baixo quando for preciso! Basta que me apresente a pele dele lá em casa!... [...]

Mas dali em diante caberia à avó e às tias a tarefa de me levar e trazer. Eu ainda pedi licença para acrescentar uma solução: ir e regressar sozinho, uma vez que sabia o caminho.

– Não caíam nessa! – berrou o autor dos meus dias. – O melro saía de casa e não punha os pés na escola!

Ficou assente as tias irem a Cacilhas e acompanhar-me no regresso, uma vez que o Zé Melo não vinha namorar nessa tarde. E assim aconteceu; mas houve um contratempo: a Julieta, a Eugénia e a Ema só apareceram na dona Assunção às oito horas da noite. Depois dos frisados e da difícil escolha dos vestidos... as três irmãs desceram tardíssimo para o cais do Ginjal. Aproveitaram ainda esta saída para fazer duas visitas a senhoras amigas e comprar pó-de-arroz e ganchos na loja da cozinha, a *Mimosa*, que segundo se propalava no cais era filha do professor Buíça, que matara o D. Carlos e o Príncipe... [Em 1980, obtive um precioso esclarecimento: a proprietária da *Mimosa* era filha do José Júlio da Costa, autor da morte do presidente Sidónio Pais.]

Sentado no meu banquinho estive horas e horas à espera que me viessem buscar. Fui o último dos meninos atrasados a sair da escola. Assisti à lição dos sabichões e às grandes tarefas dadas pela mestra, que não dava descanso à palmatória. Tarefas que deixaram a dona Assunção estafada, vermelha de cólera e a pingar de suores. Mas nada me chocou tanto como quando dois alunos foram presenteados com barretinas de papel de jornal donde saíam altas orelhas de burro. Ao encaixarem o carapuço no toutiço foram obrigados a debruçarem-se na janela, expostos à chacota da rapaziada que passava na rua. A tudo isto eu fui obrigado a presenciar porque não tinha ordem de sair e as tias só apareceram muito tarde. Protestei, disse cobras e lagartos, e quando o pai veio de Lisboa, repeti o sermão.» (*O Tritão*, Romeu Correia, pp. 134-135, 139-140)

4. Manuel da FONSECA

Natural de Santiago do Cacém. Aí fez a instrução primária. Em Lisboa, concluiu os estudos secundários e frequentou a Escola de Belas-Artes, mas abandonou o curso sem o concluir; passava as férias em Santiago. Trabalhou no comércio e indústria.

Corpus

«E de repente o dedo de Napoleão da Costa avançou para mim. Teve de repetir as palavras:

– Ora diga, senhor Rui!

Dizer o quê, se eu estava tão distante da escola, se eu não sabia nada do que se passava na classe?

O professor ergueu-se, de régua na mão. Ficou muito alto, sobre o estrado. Eu, em baixo, sumido na carteira, mordendo os lábios.

– Diga!

Era uma situação penosa. Todas as cabeças voltadas para mim. Tóino mexia os lábios. Eu não percebia nada.

Napoleão olhou a classe e impôs silêncio com a face carregada.

– Psiu! Só quero ouvir o senhor Rui. Diga!

Murmurei desculpas com a voz molhada de lágrimas:

– Senhor professor... eu... eu...

Napoleão estava ao pé de mim. Cortou-me a lamúria, seco:

– Estenda a mão!

E a palmatória estalou seis palmatoadas nítidas no silêncio que pesava na escola.» (“O Primeiro Camarada que Ficou no Caminho”, in *Aldeia Nova*, pp. 35-38)

5. Sebastião da GAMA

Nasceu em Vila Nogueira de Azeitão, onde hoje funciona o Museu Sebastião da Gama. Professor e pedagogo, exerceu a actividade docente durante cinco anos na Escola Comercial e Industrial João Vaz, em Setúbal, na Escola Técnica Veiga Beirão, em Lisboa e na Escola Industrial e Comercial de Estremoz (onde se efectivou). Atingido ainda na juventude pela tuberculose, foi, por prescrição médica, viver para o Portinho da Arrábida.

Corpus

«Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.»

Não acabei sem lhes fazer notar que «a aula é nossa». Que a todos cabe o direito de falar, desde que fale um de cada vez e não corte a palavra ao que está com ela.» (*Diário*, pp. 25-26)

Neste corpus releva-se o olhar crítico de cinco escritores sobre a escola portuguesa, em diferentes níveis de escolaridade, em épocas marcadas pela unicidade de programas, manuais e pedagogias. Reinava então o desprezo pelo “local” e pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Era uma escola da dor, onde só se “aprendia” o ABC do sofrimento. Os professores-escritores Sebastião da Gama e Rosa Colaço faziam parte do restrito lote das excepções, como nobres exemplos da contra-cultura escolar.

Bibliografia do corpus

- COLAÇO, Maria Rosa (1963) *A Criança e a Vida*. Lisboa: Edições ITAU, s/d. [colectânea]
- COLAÇO, Maria Rosa (1979) *Estas Crianças Aqui*. Lisboa: Terra Livre/ Ministério da Comunicação Social [fotos de Eduardo Gageiro e desenhos de Tóssan; edição especial para o AIC] [poesia]
- CORREIA, Romeu (1952) *Gandaia*. Lisboa: Guimarães & C.^a Editores [romance escrito em 1951, refundido e republicado, em 1976, sob o título de *Os Tanoeiros*]
- CORREIA, Romeu (1982) *O Tritão*. Lisboa: Editorial Notícias/ Obras Completas R.C., [1988] [romance]
- CORREIA, Romeu (1989) *Cais do Ginjal*. Lisboa: Editorial Notícias/ Obras de R.C. [romance]
- GAMA, Sebastião da (1947) *Cabo da Boa Esperança*. Lisboa: Edições Ática/ Poesia – Obras Completas de S.G.- III, 2.^a edição, 1968 [poemas, escritos entre 1945 e 1947]
- GAMA, Sebastião da (1958) *Diário*. Lisboa: Edições Ática/ Obras Completas de S.G., II, 5.^a edição, 1975 [escrito entre 11/1/1949 e 20/10/1950]
- FONSECA, Manuel da (1942) *Aldeia Nova*. Lisboa: Editorial Caminho/ Obra Completa de M.F., 8.^a edição revista, 1984 [contos, escritos a partir do fim dos anos 20 até ao fim da década de 30]
- FONSECA, Manuel da (1943) *Cerromaior*. Lisboa: Editorial Caminho/ Obra Completa de M.F., 6.^a edição revista, 1988 [romance] Adaptado ao cinema por Luís Filipe Rocha (1980).
- FONSECA, Manuel da (1951) *O Fogo e as Cinzas*. Lisboa: Editorial Caminho/ Obra Completa de M.F., 14.^a edição revista, 1985 [contos]
- FONSECA, Manuel da (1958) *Poemas Completos*. Forja/ textos forja, 5.^a edição, 1975 [publicados entre 1937 e 1973]
- VENTURA, Mário (1966) *À Sombra das Árvores Mortas*. Lisboa: Bertrand, 2.^a edição revista, 1977 [romance]
- VENTURA, Mário (1999) *O Segredo de Miguel Zuzarte*. Lisboa: Editorial Notícias/ Obras de M.V., 2.^a edição. [acabado em Tróia, Maio, 1999]
- VENTURA, Mário (2001) *Quarto Crescente*. Lisboa: Editorial Notícias/ Obras de M.V. [A ficção da verdade]